

# **GAROTAS**

**EM**

# **CHAMAS**

# **C. J. TUDOR**

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



*Para Neil, Betty e Doris.  
O alto, a fofo e a peluda.*

## GAROTAS EM CHAMAS

*Tirado da Wikipédia, a enciclopédia livre*

Bonecas de gravetos características do vilarejo *Chapel Croft*, em Sussex. As bonecas são feitas para homenagear os *Mártires de Sussex* — oito pessoas queimadas na fogueira durante a expurgação de *protestantes* (1553-58) da *rainha Mary*. Duas das mártires eram garotinhas. As *Garotas em Chamas* são incendiadas em uma cerimônia que acontece todos os anos no aniversário da perseguição.



*Que tipo de homem eu sou?*

Era uma pergunta que ele vinha se fazendo muitas vezes ultimamente.

*Sou um homem de Deus. Sou servo Dele. Faço a vontade Dele.*

Mas era suficiente?

Ele olhou para a casinha branca. Telhado vermelho, trepadeiras roxas subindo pelas paredes, banhada pelo sol esmaecido do fim do verão. Pássaros piavam nas árvores. Abelhas zumbiam preguiçosamente entre os arbustos.

*Aqui jaz o mal. Aqui, no mais inócuo dos ambientes.*

Ele andou lentamente pelo curto caminho. O medo gelava seu estômago. Parecia uma dor física, uma cólica nas entranhas. Estendeu a mão para a porta, que foi aberta antes que ele pudesse bater.

— Ah, graças a Deus. Agradeço ao Senhor pela sua presença.

A mãe se apoiou na soleira. O cabelo castanho escorrido grudado na cabeça. Os olhos muito vermelhos, e a pele cinzenta, cheia de rugas.

*É o que acontece quando Satanás entra na sua casa.*

Ele entrou. A casa fedia. Era um odor azedo, sujo. Como podia ter chegado àquele ponto? Ele olhou para a escada. A escuridão no alto

parecia densa de malevolência. Ele apoiou a mão no corrimão. Suas pernas se recusaram a se mover. Ele apertou bem os olhos e respirou fundo.

— Padre?

*Sou um homem de Deus.*

— Me mostre.

Começou a subir. No alto, só havia três portas. Um garoto de rosto inexpressivo, usando uma camiseta manchada e um short, olhava de uma delas. Quando a figura de preto se aproximou, o garoto a fechou.

Ele abriu a porta ao lado. O calor e o odor o atingiram como se fossem uma entidade física. Ele tapou a boca e tentou não vomitar.

A cama estava manchada de sangue e outros fluidos. Havia cordas amarradas na cabeceira com as pontas soltas. No meio do colchão, um baú de couro aberto. Tiras grossas prendiam o conteúdo no lugar: um crucifixo pesado, uma Bíblia, água benta, pedaços de musselina.

Faltavam dois itens. Estavam no chão. Um bisturi e uma faca de serra comprida. Os dois ensanguentados. Ao lado havia uma poça de sangue, que mais parecia uma capa escura cor de rubi em volta do corpo.

Ele tentou engolir, a boca tão seca quanto os campos no verão.

— Meu Senhor... o que aconteceu aqui?

— Já falei. Já contei que o diabo...

— Chega!

Ele viu uma coisa na mesa de cabeceira. Foi até lá. Uma caixinha preta. Ficou observando o objeto por um momento e se virou para a mãe parada à porta. Ela retorceu as mãos e olhou para ele com uma expressão de súplica.

— O que nós vamos fazer?

Nós. Porque aquilo também era responsabilidade dele.  
Ele olhou para o corpo ensanguentado e mutilado no chão.  
*Que tipo de homem eu sou?*  
— Pegue uns panos e água sanitária. Agora.

WELDON HERALD, QUINTA-FEIRA, 24 DE MAIO DE  
1990

### GAROTAS DESAPARECIDAS

A polícia pede ajuda na busca de duas adolescentes de Sussex que estão desaparecidas: Merry Lane e Joy Harris. As duas, que supostamente fugiram juntas, têm quinze anos. Joy foi vista pela última vez num ponto de ônibus em Henfield na noite do dia 12 de maio. Merry desapareceu de casa, em Chapel Croft, uma semana depois, no dia 19, depois de deixar um bilhete.

A polícia não está tratando o desaparecimento como suspeito, mas está preocupada com o bem-estar das garotas e pede que elas façam contato com a família.

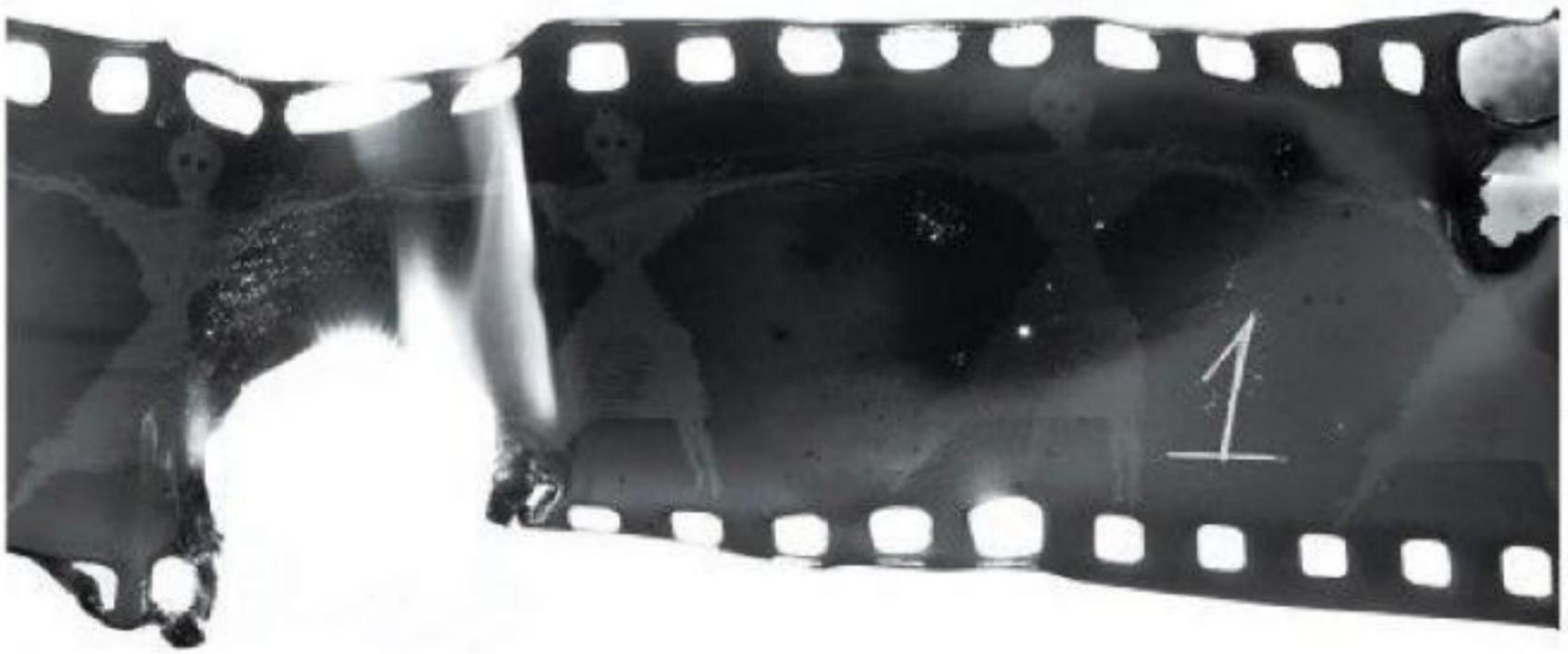
“Vocês não vão ser punidas. Seus familiares estão preocupados. Só querem saber que vocês estão seguras e dizer que podem sempre voltar para casa.”

Joy é descrita como franzina, 1,65 metro de altura, com cabelo louro-claro comprido e feições delicadas. Foi vista pela última vez usando uma camiseta rosa, uma calça jeans desbotada e tênis Dunlop Green Flash.

Merry é descrita como magra, 1,70 metro de altura, com cabelo escuro e curto, e foi vista pela última vez usando um suéter cinza largo, calça jeans e tênis de lona pretos.

Quem as vir deve relatar o ocorrido à polícia de Weldon pelo número

01323 456723 ou ligar para o Crimestoppers no número 0800 555 111.



— É uma situação infeliz.

O bispo John Durkin sorri com benevolência.

Tenho quase certeza de que o bispo John Durkin faz tudo com benevolência, até cagar.

O bispo mais jovem a administrar a diocese de North Notts é um orador habilidoso, autor de vários textos teológicos aclamados e, se não tivesse ainda pelo menos tentado andar sobre a água, eu acharia impressionante.

Ele também é um cretino.

Eu sei. Os colegas dele sabem. A equipe dele sabe. Secretamente, acho que até ele mesmo sabe.

Infelizmente, ninguém vai falar nada para ele. Eu que não vou. Não hoje. Não com ele tendo nas mãos macias e com unhas bem cuidadas o meu emprego, a minha casa e o meu futuro.

— Uma coisa assim pode abalar a fé da comunidade — continua ele.

— A comunidade não está abalada. Está com raiva e triste. Mas não vou deixar que isso estrague tudo que conquistamos. Não vou abandonar as pessoas agora que elas mais precisam de mim.

— Mas precisam mesmo? A frequência está baixa. As aulas foram canceladas. Ouvi falar que os grupos de crianças talvez se mudem para outra igreja.

— A fita isolando a cena do crime e os policiais causam esse efeito. Nossa comunidade não tem nenhum apreço pela polícia.

— Eu entendo isso...

Não entende, não. O mais perto que Durkin chega da área mais pobre da cidade é quando o motorista pega a entrada errada no caminho para a academia particular dele.

— Estou confiante de que é temporário. Eu consigo reconstruir a confiança das pessoas.

Não acrescento que preciso fazer isso. Eu cometi um erro e preciso me redimir.

— Então agora você é capaz de fazer milagres? — Antes que eu possa responder ou argumentar, Durkin continua, tranquilamente: — Olha, Jack, sei que você fez o que achou melhor, mas você se envolveu demais.

Eu me encosto na cadeira, o corpo tenso, lutando contra o ímpeto de cruzar os braços feito uma criança pirracenta.

— Achei que era o nosso trabalho. Construir laços estreitos com a comunidade.

— Nosso trabalho é defender a reputação da Igreja. Estamos em tempos difíceis. Igrejas estão fracassando em toda parte. Tem cada vez menos gente frequentando. Nós temos uma batalha hercúlea mesmo sem essa publicidade negativa.

E é com isso que Durkin realmente se importa. Os jornais. Relações públicas. A Igreja não consegue divulgação positiva nem nas melhores condições, e eu fiz uma besteira das grandes. Tentei salvar

uma garotinha, mas acabei condenando-a.

— E então? O senhor quer que eu me demita?

— De jeito nenhum. Seria um desperdício alguém do seu *calibre* sair. — Ele junta as mãos. Para valer. — E passaria uma imagem ruim. Seria como uma admissão de culpa. Nós temos que refletir muito bem sobre o que fazer agora.

Tenho certeza de que sim. Principalmente considerando que meu compromisso aqui foi ideia dele. Sou o bilhete premiado dele. E eu estava me saindo muito bem na função de fazer a igreja abandonada da região mais pobre da cidade criar laços novamente com a comunidade.

Até Ruby.

— O que o senhor sugere?

— Transferência. Um tempo em um lugar menos chamativo. Uma igreja pequena de Sussex ficou sem padre de repente. Chapel Croft. Enquanto escolhem quem vai substituí-lo, estão precisando de alguém para o trabalho interino lá.

Eu olho para ele, sentindo o chão tremer.

— Sinto muito, mas não vai ser possível. Minha filha vai fazer os exames do ensino médio ano que vem. Não posso simplesmente levá-la para o outro lado do país.

— Eu já combinei a transferência com o bispo Gordon, da diocese de Weldon.

— O senhor fez o quê? Como? O posto foi anunciado? Deve haver um candidato local mais adequado...

Ele balança a mão, me interrompendo.

— Nós estávamos conversando. Seu nome surgiu. Ele mencionou a vaga. Foi destino.

Quando se trata de fazer os outros de marionete, Durkin é o

próprio Gepeto.

— Tente ver o lado positivo — diz ele. — É uma parte linda do país. Ar fresco, campos abertos. A comunidade é pequena e segura. Pode ser bom para você e para Flo.

— Acho que eu sei o que é melhor para mim e para a minha filha. A resposta é não.

— Então terei que ser direto, Jack. — Ele me encarou. — Isso não é a porra de um pedido.

Existe um motivo para Durkin ser o bispo mais jovem a administrar a diocese, e esse motivo não tem nada a ver com benevolência.

Eu fecho os punhos no colo.

— Entendido.

— Excelente. Você começa semana que vem. Coloque as galochas na mala.



— Meu Deus!

— Blasfemando de novo.

— Eu sei, mas... — Flo balança a cabeça. — Que fim de mundo.

Ela não está errada. Eu paro o carro e olho para a nossa nova casa. Bom, nossa casa espiritual. Nossa casa *de verdade* fica ao lado: é um chalé que seria bonitinho se não fosse meio torto, como se estivesse tentando escorregar e fugir sorratamente, tijolo por tijolo.

A capela em si é pequena, quadrada e de um branco encardido. Não parece muito um lugar sagrado. Não tem teto alto, cruz ou vitral. Há quatro janelas simples na frente: duas em cima, duas embaixo. Entre as duas de cima tem um relógio. As letras ornamentadas ao redor dele proclamam:

“Aproveitem o Tempo, pois os Dias são Maus.”

Legal. Infelizmente, o “m” e o “p” da palavra “tempo” estão desgastados, então, na verdade, a frase está dizendo “Aproveitem o Teo”, seja ele quem for.

Saio do carro. O ar sufocante faz as roupas grudarem na minha pele na mesma hora. Ao nosso redor só há campos. O vilarejo consiste em pouco mais de vinte casas, um pub, um mercado e um salão

comunitário. Os únicos sons são os cantos dos pássaros e abelhas zumbindo ocasionalmente. Sinto a tensão no ar.

— Muito bem — digo, tentando parecer otimista e não com medo, como realmente estou. — Vamos dar uma olhada lá dentro.

— Não vamos ver o lugar onde vamos morar antes? — pergunta Flo.

— Primeiro, a casa de Deus. Depois, a casa dos filhos.

Ela revira os olhos, deixando claro que minha burrice é cansativa. Os adolescentes conseguem transmitir muita coisa só revirando os olhos. E isso nem chega a ser um problema, considerando que a comunicação oral se choca com um muro de tijolos depois que eles fazem quinze anos.

— Além do mais — digo —, nossos móveis ainda estão presos no trânsito da M25. Pelo menos, a capela tem bancos.

Ela bate a porta do carro e anda de mau humor atrás de mim. Eu olho para ela: o cabelo escuro cortado todo torto na altura dos ombros, piercing no nariz (conquistado com muita dificuldade e sempre retirado para ir à escola) e uma câmera Nikon pesada pendurada quase permanentemente no pescoço. Eu sempre acho que minha filha seria a escolha perfeita para o papel da Winona Ryder em um remake de *Beetlejuice*.

Um caminho comprido leva até a capela. Tem uma caixa de correspondência surrada ao lado do portão. Conforme me orientaram, se não houvesse ninguém ali quando nós chegássemos, era lá que eu encontraria as chaves. Levanto a tampa, enfio a mão dentro e... bingo. Tiro duas chaves prateadas e desgastadas, que devem ser do chalé, e um trambolho pesado de ferro digno de uma fantasia de Tolkien. Suponho que seja a chave da capela.

— Bom, pelo menos a gente pode entrar — digo.

— Viva — responde Flo.

Eu a ignoro e abro o portão. O caminho é íngreme e irregular. Dos dois lados, há lápides tortas despontando da grama alta. Tem um monumento mais alto à esquerda. Um obelisco cinza sinistro. Diante dele, deixaram o que parecem buquês de flores mortas. Mas, olhando melhor, vejo que não são flores mortas; são bonequinhas de gravetos.

— O que é aquilo? — pergunta Flo, olhando para as bonecas e pegando a câmera.

Automaticamente, respondo:

— Garotas em Chamas.

Ela se agacha para tirar algumas fotos com a Nikon.

— É uma espécie de tradição do vilarejo — digo. — Li sobre isso na internet. As pessoas fazem as bonecas para comemorar os Mártires de Sussex.

— Os o quê?

— Aldeões que foram mortos na fogueira durante a expurgação de protestantes. Duas garotinhas foram mortas em frente a essa capela.

Ela se levanta e faz uma careta.

— E as pessoas fazem essas bonecas assustadoras de graveto para lembrar delas?

— E, no aniversário da expurgação, elas são queimadas.

— Isso é *muito A Bruxa de Blair*.

— O interior é assim mesmo. — Dou uma última olhada com desdém nas bonecas quando passo. — Cheio de tradições “pitorescas”.

Flo pega o celular e tira mais algumas fotos, provavelmente para compartilhar com os amigos de Nottingham (*Vejam o que os caipiras malucos fazem*), e depois me segue.

Nós chegamos à porta da capela e eu enfio a chave de ferro na fechadura. Está meio dura e preciso fazer força para girá-la. A porta se abre com um rangido. Um *baita* rangido, como sonoplastia em um filme de terror. Então escancarar a porta.

Em contraste com o sol de agosto, aqui dentro está escuro. Meus olhos levam um instante para se ajustar. O sol entra pelas janelas sujas e ilumina uma nuvem densa de partículas de poeira flutuando.

A organização do espaço é incomum: uma nave pequena, mal cabe meia dúzia de fileiras de bancos diante do altar central. Dos dois lados, uma escada estreita de madeira leva a um mezanino com mais bancos voltados para as atividades, como num pequeno teatro ou numa arena de gladiadores. Nem consigo imaginar como passou numa inspeção do corpo de bombeiros.

O lugar está com um cheiro parado, de coisa guardada, o que é estranho, considerando que era usado regularmente até poucas semanas atrás. E, assim como a maioria das capelas e igrejas, o ambiente é ao mesmo tempo abafado e frio.

No fim da nave, reparo que uma pequena área foi isolada com duas barreiras de proteção amarelas, com um cartaz improvisado em uma delas:

“Perigo. Piso irregular. Ladrilhos soltos.”

— Retiro o que eu disse — diz Flo. — Isso aqui é o maior fim do mundo mesmo.

— Poderia ser pior.

— Como?

— Se tivesse cupim, infiltração, infestação de besouros?

— Vou esperar lá fora. — Ela se vira e sai batendo os pés.

Eu não vou atrás. É melhor deixar passar. Não tem muita coisa que

eu possa dizer que vá servir de consolo. Eu a arranquei da cidade que ela ama, da escola onde ela se sentia à vontade, e a levei para um lugar sem nada a oferecer, exceto, talvez, campos e fedor de bosta de vaca. Não vai ser fácil fazer com que ela aceite isso.

Olho para o altar de madeira.

— O que estou fazendo aqui, Senhor?

— Posso ajudar?

Eu me viro.

Tem um homem atrás de mim. É magro e muito pálido, com a brancura ressaltada pelo cabelo preto oleoso, penteado para trás com um bico de viúva bem acentuado. Apesar do calor, ele está de terno escuro com uma camisa cinza sem gola. Parece um vampiro indo para um clube de jazz.

— Desculpe, eu nunca tive uma resposta direta assim. — Sorrio e estico a mão. — Meu nome é Jack.

Ele continua me olhando com desconfiança.

— Eu sou o responsável por esta igreja. Como você entrou aqui?

É nessa hora que me dou conta. Não estou com o colarinho clerical e só devem ter mencionado meu sobrenome. Claro que ele poderia ter pesquisado mais algumas informações na internet, mas tem cara de quem ainda usa caneta tinteiro.

— Desculpe. Jack Brooks. Vim substituir o padre.

Ele arregala um pouco os olhos. Um leve rubor chega às bochechas. Admito que meu nome causa confusão. E admito que gosto disso.

— Minha nossa. Me desculpe. É que...

— Não era o que você estava esperando.

— Não.

— Foi a altura, a magreza, a beleza?

Uma voz grita de repente:

— MÃE!

Eu me viro. Flo está parada na porta, o rosto branco e os olhos arregalados. Meus instintos maternos gritam.

— O que foi?

— Tem uma garota aqui. Ela... Acho que ela está machucada. Você precisa vir. *Agora.*



A garota não tem mais do que dez anos. Está com um vestido que um dia deve ter sido branco, os pés estão descalços... e ela está coberta de sangue.

Seu cabelo louro chega a estar castanho-avermelhado, o rosto, manchado de vermelho, e o vestido, tingido de marrom. Ela se aproxima cambaleando, e seus pés deixam pegadas pequenas e ensanguentadas.

Olho para ela tentando desesperadamente entender o que pode ter acontecido. Será que ela foi atropelada? Não tem carro nenhum na rua. E tem *tanto* sangue. Como ela ainda está de pé?

Eu vou até ela com cuidado e me agacho.

— Oi, querida. Você se machucou?

Ela levanta o rosto e me encara. Seus olhos azuis impressionantes brilham de choque. Ela balança a cabeça. Não se machucou. Então de onde saiu tanto sangue?

— Certo. Você pode me contar o que aconteceu?

— Ele a matou.

Apesar do calor opressivo do dia, um arrepio desce pela minha coluna.

— Quem?

— Pippa.

— Flo — digo com cuidado. — Liga para a polícia.

Ela pega o celular e olha para a tela, sem acreditar.

— Não tem sinal.

Merda. O *déjà-vu* me atinge com tanta força que fico enjoada.

Sangue. Uma garotinha. De novo, não.

Eu me viro para o Vampiro Jazz, que está parado na porta.

— Não guardei seu nome.

— Aaron.

— Tem telefone fixo aí dentro, Aaron?

— Tem. No escritório.

— Você pode ir lá ligar?

Ele hesita.

— A garota... eu a conheço. Ela é da fazenda Harper.

— Como se chama?

— Poppy.

— Tudo bem. — Abro um sorriso tranquilizador para a garotinha.

— Poppy, nós vamos chamar ajuda.

Aaron nem se mexeu. Pode ser choque, pode ser indecisão. Seja como for, não está ajudando.

— Telefone! — grito para ele.

Ele entra na igreja. Escuto o som de um motor de carro acelerando. Olho para cima na hora que um Range Rover dobra a esquina e freia abruptamente em frente ao portão da capela, cantando pneus no cascalho. A porta se abre com um solavanco.

— *Poppy!*

Um homem corpulento com cabelo claro pula para fora e vem

correndo até nós.

— Ah, meu Deus, Poppy! Eu te procurei por toda parte. O que deu na sua cabeça para fugir assim?

Eu me levanto.

— Ela é sua filha?

— É. Ela é minha filha. Meu nome é Simon Harper... — Ele disse isso como se explicasse alguma coisa. — Quem é você?

Eu mordo a língua com força.

— Sou a reverenda Brooks, a nova vigária. Pode me dizer o que está acontecendo aqui? Sua filha está coberta de sangue.

Ele fecha a cara. É alguns anos mais velho do que eu, suponho. É robusto, não gordo. Rosto meio agressivo. Tenho a impressão de que não está acostumado a ser desafiado, muito menos por uma mulher.

— Não é o que parece.

— Sério? Porque parece o *Massacre da Serra Elétrica*. — Quem fala isso é Flo.

Simon Harper lança um olhar irritado para ela e se vira para mim.

— Eu garanto, *reverenda*, é só um mal-entendido. Poppy, vem aqui, por favor... — Ele estica a mão.

Poppy se esconde atrás de mim.

— Sua filha disse que uma pessoa foi morta.

— *Como é?*

— Pippa.

— Ah, pelo amor de Deus. — Ele revira os olhos. — Que absurdo!

— Bom, podemos deixar a polícia decidir o que é absurdo...

— É *Peppa*, não Pippa... e Peppa é um *porco*.

— Perdão?

— O sangue é de um *porco*.

Eu o encaro. Sinto o suor escorrer pelas costas. Um trator passa lentamente pela rua. Simon Harper solta um suspiro pesado.

— Podemos entrar... e limpá-la? Não posso levá-la assim no carro. Olho para o chalé decrepito.

— Venham.

\*\*\*

É a primeira vez que piso em nossa nova casa. Não é bem a recepção que eu esperava. Flo leva para dentro duas cadeiras de plástico do jardim, e botamos Poppy sentada. Encontro um pano que parece limpo o bastante e um frasco de sabonete líquido pela metade debaixo da pia. Também vejo uma lanterna e uma aranha do tamanho do meu punho.

— Vou dar uma olhada no carro — diz Flo. — Acho que tem lenços umedecidos e um moletom meu que Poppy pode usar.

— Boa ideia.

Ela sai da casa. É uma boa menina, apesar da rebeldia.

Coloco o pano embaixo da torneira e me agacho ao lado de Poppy. Limpo o sangue do rosto dela.

*Sangue de porco. Como é que uma garotinha foi ficar coberta de sangue de porco?*

— Sei que parece ruim — diz Simon Harper, em um tom mais conciliatório.

— Eu não julgo. É a regra número um do meu trabalho.

Também é mentira. Eu limpo o sangue da testa e das orelhas de Poppy. Ela começa a parecer mais uma garotinha e menos uma refugiada de um livro do Stephen King.

— Você disse que ia explicar.

— Eu tenho uma fazenda. A fazenda Harper. Pertence à família há anos. Nós temos um abatedouro lá. Sei que algumas pessoas têm dificuldade em aceitar isso...

Eu não me levanto.

— Na verdade, acho importante saber de onde vem nossa comida. Na minha última paróquia, a maioria das crianças achava que a carne brotava dos pães no McDonald's.

— Certo... bem, exatamente. Nós tentamos fazer nossas duas filhas entenderem os processos da fazenda. Não serem sentimentais com os animais. Rosie, nossa filha mais velha, sempre lidou bem com isso, mas Poppy é mais... sensível.

Tenho a sensação de que “sensível” é eufemismo para outra coisa. Ajeito o cabelo de Poppy. Ela me encara com os olhos azuis brilhantes e vazios.

— Eu falei para Emma... a minha esposa... que ela não deveria ter deixado elas darem nomes.

— Para quem?

— Para os porcos. Poppy adorava... mas depois, claro, ela se apegou, principalmente a uma.

— A Peppa?

— É. Hoje de manhã, nós levamos os porcos para o abatedouro.

— Ah.

— Não era para Poppy estar em casa. Rosie ia levá-la ao parquinho... mas alguma coisa deve ter acontecido. Elas voltaram cedo, e, quando vi, Poppy estava parada lá...

Ele para de falar, perplexo. Imagino uma criança surgindo numa cena tão horrível.

— Ainda não entendi como ela ficou coberta de sangue.

— Eu acho... que ela deve ter escorregado e caído no chão. Depois ela fugiu e você sabe o resto... — Ele me olha. — Não tem ideia de como estou me sentindo mal, mas é uma fazenda. É o que nós fazemos lá.

Sinto uma pontada de solidariedade. Lavo o pano e limpo o resto de sangue no rosto de Poppy. Em seguida, procuro um elástico no bolso da calça jeans e faço um rabo de cavalo nela. Enfim, abro um sorriso.

— Sabia que tinha uma garotinha aí embaixo.

Nada ainda. É meio desconcertante. Mas o trauma faz isso mesmo. Já vi acontecer. Ser vigária no interior não é só ir a feiras e festivais. Acabamos vendo muita gente perturbada, seja jovem ou velho. Mas abuso não acontece só em regiões pobres. Também sei disso.

Eu me viro para Simon.

— Poppy tem outros bichinhos?

— Nós temos alguns cães de trabalho, mas eles ficam nos canis.

— Talvez seja uma boa ideia Poppy ter um bichinho só dela. Nada muito grande, um hamster, por exemplo, do qual ela mesma pudesse cuidar.

Por um momento, acho que ele talvez aceite minha sugestão. Mas seu rosto se fecha de novo.

— Obrigado, reverenda, mas acho que sei cuidar da minha própria filha.

Estou prestes a observar que as evidências indicam o contrário quando Flo aparece na cozinha com lenços umedecidos e um casaco com um desenho do Jack Esqueleto nas mãos.

— Serve?

Eu faço que sim, sentindo um cansaço repentino.

— Está ótimo.

★ ★ ★

Nós ficamos paradas à porta vendo pai e filha, com o moletom na altura dos joelhos, entrarem no veículo 4x4 e irem embora.

Eu passo o braço pelos ombros de Flo.

— E diziam que o interior era tranquilo.

— É. Talvez acabe sendo divertido aqui, afinal.

Dou uma risada e vejo uma figura fantasmagórica de preto vindo na direção do chalé segurando uma caixa retangular grande. Aaron. Eu tinha me esquecido completamente dele. O que ele ficou fazendo esse tempo todo?

— A polícia está a caminho, certo? — pergunto.

— Ah, não. Eu vi Simon Harper chegar e achei que não era necessário.

*Não me diga.* Está na cara que Simon Harper tem influência aqui. Em muitas comunidades pequenas, tem uma família que acaba subjugando todos os outros moradores. Por tradição. Ou medo. Ou ambos.

— E aí eu lembrei — diz Aaron. — Eu tinha que dar isto para você quando chegasse.

Ele me oferece a caixa que traz meu nome escrito em letras escuras.

— O que é?

— Não sei. Foi deixado para você na capela ontem.

— Por quem?

— Não vi. Achei que poderia ser um presente de boas-vindas.

— Será que foi o vigário anterior que deixou? — sugere Flo.

— Duvido — digo. — Ele morreu. — Olho para Aaron e percebo que posso ter sido insensível. — Sinto muito pelo reverendo Fletcher. Deve ter sido um choque.

— Foi mesmo.

— Ele estava doente?

— Doente? — Ele me olha de um jeito estranho. — Não te contaram?

— Eu soube que a morte dele foi repentina.

— Sim. Ele se matou.



— Você deveria ter me contado.

Mal se ouve a voz de Durkin do outro lado.

— Situa... delicada... melhor não... detalhes.

— Não me interessa. Eu tinha que saber.

— Eu não... pessoal... desculpe.

— Quem sabe?

— Pouca gente... responsável pela igreja... o encontrou... o conselho da paróquia.

Isso provavelmente significa quase todo mundo do vilarejo. Durkin está falando de novo. Eu me estico mais para fora da janela do quarto do andar de cima, o único lugar onde consigo sinal no celular, e ganho uma terceira barrinha mágica.

— O reverendo Fletcher... problemas mentais. Felizmente, ele já tinha concordado em se desligar antes do que aconteceu, então, oficialmente, ele não era mais o vigário da igreja...

Então, em outras palavras, não era mais problema da Igreja. A falta de empatia de Durkin beira o patológico. Costumo pensar que as habilidades dele seriam mais bem aproveitadas na política do que na igreja, se bem que, no fim das contas, talvez não haja tanta diferença

assim. Nós dois pregamos para convertidos.

— Eu deveria saber. Interfere em como lido com as coisas aqui. Interfere na percepção das pessoas da capela e da vigária.

— Claro. Me desculpe. Foi um lapso.

Não foi coisa nenhuma. Ele só não quis me dar outro motivo para não vir.

— Mais alguma coisa, Jack?

— Na verdade, tem, sim...

Não deveria importar. Se a morte é apenas uma libertação para um plano superior, as circunstâncias não deveriam fazer diferença. Mas fazem.

— Como ele fez?

Há uma pausa longa o suficiente para eu saber, por conhecer Durkin há muito tempo, que ele está avaliando se deve mentir. Mas apenas dá um suspiro.

— Ele se enforcou na capela.

\*\*\*

Flo está ajoelhada no chão da sala, tirando coisas de caixas. Felizmente, não são muitas. Quando a van da mudança chegou, os dois jovens tatuados levaram só vinte minutos para descarregar nossos pertences todos. Não é muito, considerando o trabalho de metade de uma vida.

Eu me afundo no sofá velho, que por pouco não cabe na sala apertada. Tudo no chalé é pequeno, baixo e bambo. Nenhuma das janelas abre direito, o que deixa o ambiente insuportavelmente quente, e preciso me lembrar toda hora de abaixar a cabeça na passagem entre a cozinha e a sala (e olha que não sou lá uma amazona).

O banheiro é verde-oliva e cheio de pontinhos de mofo. Não tem chuveiro. O aquecimento vem de um boiler a óleo e de um forno a lenha com cara de antiquíssimo, que deve precisar de inspeção se não quisermos morrer sufocadas com gás no inverno.

Olhando pelo lado positivo, não precisamos pagar aluguel. Podemos nos esforçar para deixá-lo com a nossa cara. Só não agora. Agora, eu quero comer, ver um pouco de televisão e dormir.

Flo olha para mim.

— Espero que o que aconteceu hoje não tenha impedido você de ver o tamanho do buraco que isso aqui é.

— Não, mas hoje estou cansada demais e com fome e meio deprimida com isso tudo. Imagino que não tenha nenhum restaurante que entregue comida aqui perto...

— Tem uma Domino's na cidade vizinha. Eu pesquisei no Google no caminho para cá.

— Aleluia. Civilização. Vamos ver o que tem na Netflix?

— Eu achava que a British Telecom ainda não tinha ligado a banda larga.

Droga.

— Vai ter que ser TV aberta, então.

— Só se você tiver sorte.

— Hã? Por quê?

Ela vem se sentar ao meu lado no sofá e passa um braço pelos meus ombros.

— O que tem de errado nessa imagem, Michael?

Abro um sorriso diante da referência ao filme *Os Garotos Perdidos*. Pelo menos algumas das minhas influências culturais deram certo.

— Não tem antena. Sabe o que quer dizer não ter antena?

— Ah, Deus. — Inclino a cabeça para trás. — SÉRIO?

— É...

— No que a gente foi se meter?

— Espero que não na capital dos assassinatos do mundo.

— Vampiros, eu aguento. O que eu mais tenho são cruzes.

— E uma caixa misteriosa.

A caixa. Eu estava tão furiosa com Durkin por não ter me contado as circunstâncias da morte do reverendo Fletcher que quase esqueci o que gerou aquilo tudo. Olhei ao redor.

— Não sei onde eu deixei.

— Na cozinha.

Flo dá um pulo e volta com a caixa, colocando-a ao meu lado. Eu avalio o presente com desconfiança.

*Rev. Jack Brooks*

— E aí? — Flo mostra uma tesoura.

Pego a tesoura e abro a fita que sela a caixa. Dentro, tem uma coisa embrulhada em papel de seda com um cartãozinho em cima.

Não há nada escondido que não venha a ser descoberto; ou oculto que não venha a ser conhecido. O que vocês disseram nas trevas será ouvido à luz do dia; e o que vocês sussurram aos ouvidos dentro de casa, será proclamado dos telhados.

Lucas 12:2,3

Olho para Flo, que está de sobrancelhas arqueadas.

— Meio melodramático.

Coloco o cartão de lado e abro o papel de seda. Lá dentro há um baú pequeno de couro marrom surrado.

Fico olhando, com os braços arrepiados.

— Você não vai ver o que é? — pergunta Flo.

Infelizmente, não consigo encontrar uma desculpa razoável para não abrir. Tiro o baú da caixa e o coloco no sofá. Alguma coisa chacoalha lá dentro. Eu abro as fivelas.

*Não há nada escondido que não venha a ser descoberto.*

A parte interna é forrada de seda vermelha, o conteúdo preso por tiras: uma Bíblia com capa de couro, uma cruz pesada com Jesus prostrado, água benta, pedaços de musselina, um bisturi e uma faca grande com serra.

— O que é? — pergunta Flo.

Engulo em seco, meio enjoada.

— Um kit de exorcismo.

— Uau. — Ela franze a testa. — Eu não sabia que usavam faca em exorcismos.

— Normalmente, não.

Pego o cabo gasto da faca. Está frio e liso. Tiro a faca da caixa. É pesada, os dentes afiados e cobertos de manchas de ferrugem.

Flo se inclina para a frente.

— Mãe, isso é...

— É.

Pelo visto, está virando o tema do dia.

Sangue.



Luar. Não parece possível ser diferente, mas é.

Ele estica os dedos, deixa iluminar as mãos, toca na grama. *Grama*. Isso também é novidade. Dentro, não havia grama. Nada macio. Nem mesmo a roupa de cama dura e áspera. O luar sempre entrava por janelas estreitas, parcialmente obscurecidas pelos prédios altos ao redor. E, quando a luz entrava, era com força. Em concreto e aço.

Aqui, a luz se espalha livremente, sem limites. Banha (sim, *banha*) o parque ao redor dele de prateado. Aconchega-se delicadamente ao lado dele na grama. E daí se a grama é esparsa e irregular, cheia de lixo, garrafas de sidra e guimbas de cigarro? Para ele, é o paraíso. O maldito jardim do Éden. A cama dele hoje é um banco, e a roupa de cama luxuosa é papelão e um saco de dormir que ele roubou de um bêbado. Não há código de ética entre ladrões e mendigos. Mas, para ele, é uma cama de dossel com lençóis de seda e travesseiros de penas de pato.

*Ele está livre.* Depois de quatorze anos. E, desta vez, ele não vai voltar. Finalmente conseguiu ficar limpo, concluiu o programa de reabilitação. Cortou as drogas, se comportou com um bom garoto.

Não é tarde demais. Foi o que os orientadores disseram. Ainda dá para reconstruir sua vida. Dá para deixar isso para trás.

Tudo mentira, claro. É impossível deixar o passado para trás. O passado é parte de quem somos. O passado segue seu dono como um cachorro fiel que se recusa a sair do nosso lado. E, às vezes, morde nossa bunda.

Ele ri sozinho. *Ela* teria gostado disso. Ela dizia que ele era bom com as palavras. Talvez, mas também era bom com os punhos e com as botas. Não conseguia controlar a raiva. Ficava cego. Perdia as palavras e as substituía por uma fúria densa vermelho-sangue que latejava em seus ouvidos e sufocava sua garganta.

*Você precisa controlar a sua raiva*, disse ela. *Senão essa porra vai levar a melhor.*

À noite, na cela, ele a imaginava ao seu lado, fazendo carinho no seu cabelo, sussurrando, tentando acalmá-lo. Ajudando-o a enfrentar o confinamento e os sintomas de abstinência. Ele olha a escuridão ao redor procurando por ela. Não. Está sozinho. Mas não por muito tempo.

Ele puxa o saco de dormir até o queixo, apoia a cabeça no banco. A noite está calma. Ele está feliz de dormir ao ar livre. Pode olhar para a lua e para as estrelas, esperar ansiosamente pelo dia seguinte.

Como era mesmo aquela música sobre o amanhã? Diz que só falta um dia, algo assim.

Eles cantavam essa música às vezes.

*Eu queria que nós fôssemos órfãos como a Annie*, ela dizia. *Assim, a gente podia fugir deste lugar.*

E se aconchegava nele. Toda magricela, cabelo embaraçado e cheiro de biscoito.

Ele sorri. Amanhã, amanhã eu vou te encontrar.



A missa de domingo de manhã é o ponto alto da semana de uma vigária. Se o objetivo for atrair um grupo (e com “grupo” me refiro a pelo menos dois dígitos), o dia para isso é domingo.

Na minha antiga igreja de Nottingham, cuja congregação era basicamente negra, os domingos significavam trajes formais completos: chapéus, ternos, garotinhas com cachos bem definidos e laçarotes. *Como Ruby.*

Tornava o dia especial. *Eu* me sentia especial. Sobretudo porque, olhando com atenção, eu sabia que os trajes eram sempre meio puídos ou apertados na cintura. Minha congregação vinha das áreas mais pobres da cidade, mas eles sempre se esforçavam. Era questão de orgulho chegar com a roupa adequada num domingo de manhã.

Mesmo em outras igrejas minhas, as manhãs de domingo lotavam, atraindo todo tipo de gente, até os mais desvirtuados. Mas, nesse ramo, temos que estar abertos a isso.

Claro que pode ser desanimador, mas sempre tento lembrar a mim mesma que, se ao menos uma pessoa encontrar um pouco de conforto nas minhas palavras, já é uma vitória. A Igreja não é só para os que acreditam em Deus. É para os que não têm nada em que acreditar. É

para os solitários, perdidos e sem-teto. Um refúgio. Foi assim que a encontrei. Quando eu não tinha para onde ir ou quem procurar. Uma pessoa me ajudou. Nunca esqueci essa gentileza. Agora, tento retribuir.

Não sei bem o que esperar desta congregação. Cidades pequenas costumam ser mais tradicionais. A igreja tem um papel maior na comunidade. Mas a congregação também tende a ser mais velha. É engraçado como tanta gente passa a ter fé junto com a primeira dentadura.

Não que eu vá celebrar missa hoje. Só começo oficialmente em duas semanas. Esta manhã, quem vai fazer isso é o reverendo Rushton, de Warblers Green. Já trocamos alguns e-mails. Ele parece gentil, dedicado e sobrecarregado. Como a maioria dos padres de regiões rurais. Atualmente, ele divide seu tempo entre três igrejas, e cobrir Chapel Croft não é nada fácil, ou, como ele mesmo diz:

“Deus pode ser onipresente, mas eu ainda não consegui estar em quatro lugares ao mesmo tempo.”

\*\*\*

Isso explica um pouco a urgência do meu compromisso. Mas não completamente.

O pacote estranho me deixou inquieta. Não dormi à noite. Era acordada toda hora pelo silêncio. Não havia o ruído reconfortante de sirenes nem de bêbados gritando do lado de fora da janela. Os acontecimentos do dia ficavam voltando à minha cabeça: Poppy, o rosto sujo de sangue. A faca com serra. O rosto de Ruby. Misturando-se com o de Poppy. O sangue as unindo.

*Por que aceitei vir para cá? O que espero alcançar?*

Finalmente me levanto da cama assim que passa das sete. Tem um galo cantando do lado de fora. Que ótimo. Depois de preparar um café, cedo à tentação e pego a lata de tabaco e seda no lugar onde a escondi, embaixo de um pano de prato em uma gaveta da cozinha.

Flo fica no meu pé para eu parar de fumar. Eu sempre tento. Mas a carne é fraca. Enrolo o cigarro clandestino na mesa, visto um moletom velho por cima da camiseta e da calça de moletom e saio pela porta dos fundos para fumar, tentando deixar meus sentimentos sombrios de lado. O dia já está quente, apesar do céu nublado. Um novo dia. Novos desafios. Uma coisa pela qual sempre agradeço. O amanhã não tem garantias. Cada dia é uma dádiva, que devemos usar com sabedoria.

Claro que, como a maioria dos vigários, eu nem sempre faço o que prego.

Termino o cigarro e subo para tomar um banho morno. Seco o cabelo e tento ficar apresentável. Quase não tenho cabelos brancos. Nem muitas rugas, mas meu rosto está inchado dos quilos a mais. Acho que pareço qualquer mãe atarefada de quarenta e poucos anos. Veredito: vai ter que servir.

Desço a escada. Por incrível que pareça, Flo está encolhida no sofá da sala com uma xícara de chá e um livro. O mais novo de Stephen King, ao que parece.

— Como estou?

Ela olha para mim.

— Exausta.

— Obrigada. Fora isso?

Escolhi uma calça jeans, uma camiseta preta e o colarinho clerical. Só para mostrar quem eu sou, mas também que estou de folga.

— Não sei bem se o preto foi boa ideia.

— Estou guardando as cores néon e a meia arrastão.

— Para quando?

— Para a véspera de Natal.

— Tem que ser aos poucos.

— É essa a ideia.

Ela sorri.

— Você está ótima, mãe.

— Obrigada. — Eu hesito. — E você?

— O que tem eu?

— Você está bem?

— Estou.

— Mesmo?

— Podemos não fazer isso de novo, mãe? *Não*, eu não te odeio.

*Sim*, estou com raiva de ter saído de Nottingham. Mas é temporário, não é? Como você diz, as coisas são como são.

— Às vezes, você é adulta demais para o meu gosto.

— Uma de nós tem que ser.

Quero passar os braços em volta dela e abraçá-la com força. Mas ela já está com o nariz enfiado no livro de novo.

— Você vai hoje?

— Eu tenho que ir?

— É você quem decide.

— Na verdade, pensei em dar uma olhada no cemitério. Para tirar umas fotos.

— Tudo bem. Divirta-se.

Tento sufocar a pontada de decepção. *Claro* que ela não vai querer ouvir uma missa insossa e antiquada numa capela pequena e abafada.

Ela tem quinze anos. E não acredito em forçar as crenças nos filhos.

Minha mãe tentou. Lembro-me de ser arrastada para missas quando era pequena, de ficar agitada e impaciente em meu melhor vestido, que era lavado toda hora. Os bancos eram duros, a capela era fria e o padre de traje preto me fazia chorar. Mais tarde, a religião se tornou uma das muletas da minha mãe, além do gim e das vozes na cabeça dela. Teve o efeito oposto em mim. Fugi assim que tive oportunidade.

A crença deveria ser uma escolha consciente, não uma lavagem cerebral feita quando a pessoa é jovem demais para entender ou questionar. Fé não é uma coisa que se passa adiante como uma herança. Não é tangível nem absoluta. Nem mesmo para um padre. É um trabalho constante, como casamento ou filhos.

Há momentos de hesitação. Naturalmente. Coisas ruins acontecem. Coisas que nos fazem questionar se Deus existe *mesmo* e, se existe, por que ele é tão filho da mãe. Mas a verdade é que as coisas ruins não acontecem *por causa* de Deus. Ele não fica sentado na sala de controle pensando em formas de “testar” nossa fé, como um Ed Harris celestial de *O Show de Truman*.

Coisas ruins acontecem porque a vida é uma série de eventos aleatórios e imprevisíveis. Nós vamos cometer erros no caminho. Mas Deus é misericordioso. Pelo menos, espero que seja.

Pego o moletom no encosto da cadeira da cozinha e enfio a cabeça na sala.

— Bom, tenho que ir.

— Mãe?

— O quê?

— O que você vai fazer em relação àquele bauzinho?

Não sei mesmo. Fiquei mais abalada do que gostaria de admitir.

Certamente, mais do que posso admitir para Flo. *De onde veio isso? Quem pode ter deixado esse presente para mim? E por quê?*

— Não sei. Talvez eu converse com Aaron sobre isso.

Ela faz uma careta.

— Ele me dá arrepios.

Quero pedir para ela não ser tão dura, mas a verdade é que ele também me dá arrepios. Não sei bem por quê. Na minha linha de trabalho, é fácil conhecer alguns esquisitões solitários. Mas tem alguma coisa diferente em Aaron. Algo que invoca sentimentos que eu preferiria esquecer.

— Vamos falar disso depois, está bem?

Enfio os braços no moletom.

— Tudo bem. Mãe?

— O quê?

— Acho melhor você pegar outro moletom. Esse aí está fedendo a cigarro.



Aaron está no fundo da capela conversando com um vigário gorducho de cabelo cacheado quando entro. São nove e meia, e os primeiros fiéis ainda não chegaram.

Por algum motivo, talvez pela forma como os dois se viram rapidamente, tenho a impressão imediata de que estão falando de mim. Talvez seja paranoia. Talvez não. E por que não estariam falando de mim? Eu sou a novata. Mas fico incomodada. E forço um sorriso.

— Oi. Não estou interrompendo, estou?

O vigário de cabelo cacheado abre um sorriso.

— Reverenda Brooks. Sou o reverendo Rushton... Brian. Finalmente estamos nos conhecendo em pessoa!

Ele estica a mão redonda. É um homem baixo e atarracado com pele sardenta e avermelhada que expressa uma afeição pelas coisas divertidas da vida. Os olhos são brilhosos e ágeis, dançam com malícia. Não fosse o colarinho clerical, eu diria que ele é dono de um pub ou talvez o Frei Tuck.

— Nós, principalmente eu, estamos muito felizes de enfim ter você aqui.

Aperto a mão dele.

— Obrigada.

— Como está a adaptação? Ou ainda é cedo para dizer?

— Está boa, mas o ajuste sempre demora um pouco. Sabe como é.

— Na verdade, não sei. Estou em Warblers Green desde que era pároco auxiliar. Tem quase trinta anos. É muita preguiça, eu sei. Mas adoro essa paróquia, e, claro — ele se inclina com um ar conspiratório —, tem um pub ótimo ao lado.

Ele dá uma risada, um som baixo, sujo e contagiante.

— Quem sou eu para julgar.

— Deve ser uma mudança enorme em comparação a Nottingham.

— É mesmo.

— Tente nos aguentar, os pobres caipiras. Não é tão ruim depois de nos conhecer. E não queimamos nenhum recém-chegado numa escultura de palha recentemente. Bom, não desde o solstício.

Ele ri de novo, o rosto ficando ainda mais vermelho. Tira um lenço do bolso e seca a testa.

Aaron pigarreia.

— O tema da missa de hoje é novos amigos e novos começos — diz ele num tom funéreo que não poderia ser menos simpático. — O reverendo Rushton achou apropriado.

— Sem pressão para você fazer ou falar alguma coisa — acrescenta Rushton. — Vamos fazer isso tudo oficialmente depois. Mas que bom que está aqui. — Ele pisca. — A notícia da sua chegada se espalhou. Todo mundo está doido para ver a nova vigário mulher.

Fico tensa.

— Que bom.

— Bom, melhor nos prepararmos. — Rushton enfia o lenço no bolso e une as mãos. — Nossa plateia vai chegar daqui a pouco!

Aaron vai até o altar. Eu me sento em um dos primeiros bancos.

— Ah. — Rushton se vira parcialmente, de um jeito que acaba sendo um pouco casual demais. — Aaron contou que você conheceu Simon Harper e a filha ontem.

Então era *disso* que eles estavam falando.

— É mesmo. Foi uma apresentação e tanto.

Ele faz uma pausa e escolhe as palavras seguintes com muita cautela.

— A família Harper mora na região há gerações. Os ancestrais deles vão até a época dos Mártires de Sussex... Você ouviu falar dos mártires?

— Os protestantes que foram mortos no reinado de Mary I.

Ele abre um sorriso.

— Muito bom.

— Eu pesquisei na internet.

— Ah, bom, você vai ouvir falar muito disso por aqui. Os ancestrais do Simon Harper estavam entre os mártires queimados na fogueira. Tem um monumento em homenagem a eles no cemitério.

— Nós vimos. Alguém deixou Garotas em Chamas em volta.

Ele arqueia as sobrancelhas peludas.

— Garotas em Chamas? Você pesquisou *mesmo*. Algumas pessoas acham isso meio macabro, mas temos muito orgulho dos nossos mártires queimados aqui em Sussex! — Ele ri de novo. E o rosto fica mais sério. — Enfim, como eu estava dizendo, os Harper são o que se poderia chamar de “pilares da comunidade”. Muito respeitados aqui. Já fizeram muito pela cidade e pela igreja ao longo dos anos.

— De que forma?

— Doações, eventos de arrecadação de fundos. Os negócios deles empregam muita gente daqui.